

## **VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL**

### **RAIMUNDA COSTA CRUZ**

Graduanda do Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará-UFC e Bolsista do Programa de Educação Tutorial-PET. E-mail: raimunda.costacs@hotmail.com

### **MARIA CLEIDIANE BARBOSA DA SILVA**

Graduada em Pedagogia na Universidade Federal do Ceará-UFC.  
E-mail: dianinhageneral@yahoo.com.br

### **Introdução**

O tema que envolve violência e escola vem ganhando constante espaço nos noticiários televisivos e jornalísticos e considerando essa realidade visualizamos a necessidade de construirmos uma visão crítica sobre o fenômeno da violência presente no cotidiano da escola. A violência na escola se apresenta tomando diversas facetas, constituindo-se em um fator conceitual de difícil consenso entre os estudiosos da área. A busca por uma conceituação e apresentação de soluções que podem contribuir para a amenização do problema é uma tarefa difícil e perigosa, no sentido de correremos o risco de naturalizarmos os conceitos relacionados á violência na escola.

A problemática da violência no ambiente escolar tem despertado muito interesse e reflexões sobre o papel da escola diante da busca por soluções para o referido problema. A pesquisa que se segue, de cunho bibliográfico, buscará descrever e conceituar as principais manifestações violentas que ocorrem no ambiente escolar, além de pontuar as contribuições da educação em parceria com a escola na tentativa de amenizar os problemas que surgem com a violência. Considerando o cotidiano da escola podemos identificar várias manifestações agressivas, podendo citar as depredações, agressões físicas, verbais entre outras formas.

Os escritos que se seguem estão estruturados em três blocos de reflexão, a saber: no primeiro realizamos uma leitura funda-

mentada no conceito de violência na escola, buscando demonstrar o quanto é desafiador a busca por definição de um fenômeno tão complexo. Em seguida, apresentamos as possíveis soluções para o fenômeno da violência na escola apresentadas pelos teóricos Debarbieux (2006); Silva (2012); Tognetta *et al* (2010). Por último, são apresentadas algumas considerações sobre as reflexões construídas, pensando a violência na escola, porém sem esgotar as possibilidades de novas discussões e interpretações sobre a temática enfatizada neste artigo.

### **Do conceito de violência na escola**

Iniciamos este tópico indagando, o que podemos chamar de violência na escola? Debarbieux (2006) pontua que muitas pesquisas de abrangência mundial possuem um campo semântico muito considerável sobre o tema, chamando atenção para as dificuldades de se conceituar o referido fenômeno. Vejamos:

O problema da violência na escola é essencialmente o de uma opressão quotidiana, repetitiva, proteiforme. É necessário proceder a um afinamento para compreender o que é esta violência ordinária à qual demos vários nomes: assédio, incivildades, microviolências. Trata-se de compreender como é que se é vítima. (DEBARBIEUX, 2006, p.91)

Na construção de um apontamento para a construção do que se configura ser uma vítima e uma um agressor, existe possibilidades de a vítima ser a causadora da ação ou o contrário. A explicação que define a violência na escola como sendo tudo aquilo que se pode ser considerada como um comportamento antissocial também deve ser tratado com cuidado. Observemos o que pontua do teórico já citado:

Eu próprio sou muito reticente relativamente a uma abordagem através do comportamento anti-social, que tem ten-

dência para fazer incidir todo o peso da responsabilidade da violência na escola sobre a simples criança ou adolescente responsável, sobre a sua personalidade esquecendo por vezes os factores sociais. Mas é importante ver aqui, mais uma vez, o que está em causa não é um comportamento isolado, mas a sua repetição e a sua associação, e é nesta repetição e nesta associação das vitimações que, para nós, reside não toda a violência na escola, mas a sua violência cotidiana, a sua realidade comum. (DEBARBIEUX, 2006, p.99-100)<sup>1</sup>

A visualização de um conceito que possui interpretações relativas nos cobra atenção nos tipos de afirmações dogmáticas que podemos fazemos quando nos deparemos com ações banais de cunho violento, e que podemos de forma injusta caracterizá-las como violência na escola. Ainda considerando a perspectiva de Debarbieux (2006) É importante pontuar os cuidados que devemos ter ao denominar como violência todo o comportamento considerado antissocial, pois, para o teórico supracitado, não é a prática de uma ação considerada violenta que se enquadra no conceito de violência na escola e sim a sua persistência e repetição.

Observemos que o teórico citado nos orienta que os atos de violência presentes no ambiente escolar, podem ser caracterizados por suas características de repetição e associação, pois são frequentes as notícias de que muitos estudantes sofrem diariamente com a prática desses atos. Orienta-nos, também para os cuidados que devemos ter ao criminalizar um ato caracterizado como antissocial, mesmo que este tenha sido praticado de forma banal e sem caráter repetitivo.

Alguns teóricos apresentam uma conceituação que se diferencia ao mesmo tempo em que se relaciona diretamente ao conceito de indisciplina. É comum nos indagarmos sobre o que realmente caracteriza a violência na escola, há momentos em que não

---

<sup>1</sup> A citação foi obtida no livro DEBARBIEUX, Éric. *Violência na Escola: um desafio mundial?*. Tradução: Teresa Katzenstein. INSTITUTO PIAGET, Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa, 2006. A tradução é em Português de Portugal.

sabemos se estamos nos reportando para a violência na escola ou simplesmente para a indisciplina. Para Silva (2012,p.21).

O termo *indisciplina* quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização. No caso da escola, significa que todas as vezes em que os alunos desrespeitam alguma norma desta instituição serão vistos como indisciplinados, sejam tais regras impostas e veiculadas arbitrariamente pelas autoridades escolares (diretores e professores), ou elaboradas democraticamente.

Visualizamos que os descumprimentos das normas estabelecidas por uma instituição se relacionam diretamente com a prática de indisciplina e qual a relação desta com a violência na escola? Representa o mesmo conceito? Silva (2012, p.21-22) nos responde essas indagações. Vejamos:

Dentre todas as formas de indisciplina, a mais preocupante é a violência escolar. Ela tem se tornado cada vez mais comum, principalmente em estabelecimentos brasileiros e norte-americanos, e remete uma situação tanto de destrutividade dos outros, dos seus pertences, dos bens públicos quanto autodestrutividade. Na escola, ela aparece quase sempre sob forma de ameaça e de assassinato de colegas e professores, depredação dos bens materiais destes últimos e da instituição e do tráfico e uso de drogas ilegais.

Observamos que o autor afirma que a violência escolar é caracterizada como uma das várias formas de indisciplina e destaca que ela se encontra cada vez mais presente no cotidiano escolar. Pontua ainda quais as formas em que esta violência se manifesta, podendo citar as ameaças, os assassinatos tanto de alunos como de professores, as depredações dos bens materiais e patrimoniais além do tráfico e uso de drogas ilícitas.

Abramovay e Rua (2002) que não se distanciam da definição abordada por Debarbieux, (2006) e Silva, (2012), nos apresenta

uma definição de violência na escola mais geral, nos quais podemos citar a “*violência de facto*” esta apresenta um teor de destrutividade do outro, as “*incivilidades*”, os *preconceitos* e as *manifestações de violências simbólicas*.

As violências nas escolas têm identidade própria, ainda que se expressem mediante formas comuns, como a *violência de facto* – que fere, sangra e mata – ou como *incivilidades*, *preconceitos*, *desconsiderações aos outros* e à diversidade. Realizam-se, ainda, no plano simbólico, correndo o risco de naturalizar-se, principalmente quando têm lugar nas ligações entre pares, alunos. (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 24)

Podemos visualizar a partir da afirmação de Abramovay e Rua (2002), que as violências existentes no âmbito escolar são muito complexas e vastas apresentando um leque diversificado de manifestações. E o que podemos dizer quanto às causas? Debarbieux (2006,p.131) nos demonstra um argumento inquietador:

O que se diz sobre as causas da violência? A televisão, os pais, as mulheres sozinhas, Maio de 1968, laxismo político ou ultraliberalismo, jogos de vídeo, cromossoma anormais retorcidos, m excesso ou criminosos, ei as acusações que vão sendo feitas. Mas que moleza do pensamento! Aos fenômenos complexos corresponde uma causalidade complexa. Abaixo os simplismos.

Os estudos que investigam o fenômeno da violência na escola são claros em demonstrar que a busca por um conceito fechado e único é algo inútil, porém, em meio a complexidade que envolve o tema não podemos nos desanimar e dá a devida importância que ele merece. Partiremos para uma demonstração sucinta de uma abordagem teórica que considera a educação como um fator de importante contribuição para a formação e mediação de conflitos advindos da presença da violência no âmbito escolar, afirmamos que não existem receitas ou soluções miraculosas para a problemática da violência e sim visualizações de projetos e ações de cunho eficaz.

## **A educação moral como ferramenta de formação e mediação de conflitos**

Para alguns teóricos Debarbieux (2006); Abramovay e Rua (2002); Tognetta *et al* (2010), a temática que envolve a mediação de conflitos é questionável, pois muitos “gurus” da mediação vendem “soluções” educacionais e práticas para o fenômeno da violência no ambiente escolar, quando muitas vezes a escola necessita solucionar outros problemas mais emergenciais.

Debarbieux (2006) aponta que para que possamos enfrentar os problemas advindos da violência na escola, temos que enfrentá-los com compromisso, formação docente, incentivando a socialização e respeito aos valores morais, melhorando a convivência entre aluno e comunidade escolar, favorecendo para a criação de um corpo docente equilibrado e um ambiente escolar harmonioso. Considerando ainda, a perspectiva que considera como ferramenta útil e eficaz no combate ou mesmo na redução dos danos causados como consequências da violência na escola uma educação que vise à valorização de uma educação moral temos, Abramovay e Rua (2002); Silva (2012); Tognetta *et al*. (2010).

Silva, 2012, considera a teoria de desenvolvimento moral de Jean Piaget e a teoria dos valores de La Taile, para analisar a importância de uma formação moral na escola, afirmando que a moral se desenvolve apresentando diferentes etapas evolutivas, a primeira dela é “denominada de *anomia*, vai do nascimento até aproximadamente a idade de seis anos e se caracteriza pela ausência da moral”. Silva (2012, p.119).

Já na segunda fase denominada *heteronomia*, esta ocorre por volta aproximadamente de seis a nove anos de idade, onde “os indivíduos mostram-se pela primeira vez interessados em participar de atividades coletivas e permeadas por regras”. Silva (2012, p.119). Na terceira fase, esta considerada da autonomia, o autor nos informa que:

Na autonomia (nove ou dez anos de idade em diante) a criança passa a agir e a conceber o jogo regrado de maneira totalmente oposta à apresentada na tendência anterior. Agora, não só ela respeita como cumpre as regras e tem consciência da contradição, caso elas não sejam cumpridas tal como foram apreçadas. (SILVA, 2012, p.121)

Tognetta *et al* (2010) considera que muitas vezes os profissionais da educação consideram que a responsabilidade pela educação moral das crianças e dos jovens é exclusivamente da família, isentando a escola das responsabilizações de atos amorais praticados no ambiente escolar e optando por soluções imediatas que não refletem nas causas do problema e sim a erradicação de suas consequências. Para Vinha (2000, *apud* TOGNETTA *et al.*, 2010).

(...) os mecanismos como os castigos e as punições utilizados para resolver problemas em curto prazo, não favorecem o desenvolvimento dos indivíduos, bem como reforçam a obediência unilateral perante a autoridade que faz com que estes sujeitos se submetam às regras por temor e não por aceitação e interiorização das mesmas. Esses mecanismos são formas de controle e manipulação e auxiliam, portanto, na manutenção da heteronomia. (TOGNETTA *et al.*, 2010, p.20-21)

Podemos perceber na visão de Tognetta *et al.*, (2010), que os resultados que se obtém a partir de medidas punitivas permitem que crianças e jovens se tornem ou permaneçam sujeitos com práticas heterônomas, nas quais podemos visualizar as dificuldades em apresentar suas opiniões, argumentos, tomar decisões em um grupo coletivo, além de resolver seus conflitos considerando a justiça e o respeito.

Tognetta *et al* (2010) recomenda que quando a escola visualizar a necessidade de se realizar uma intervenção punitiva faça uso do que ela denomina como “*sanções por reciprocidade*”<sup>2</sup>, pois

<sup>2</sup> O termo sanções por reciprocidade foi pensado inicialmente por Piaget no livro referenciado por PIAGET, Jean (1994). O juízo moral na criança. São Paulo: Sumus.

dessa forma os indivíduos tem a possibilidade de visualizar diferentes pontos de vistas além de oportunizá-lo a se colocar no lugar do outro. Com ações de reciprocidades o objetivo não se configura como um pagamento por um erro de forma dolorosa, porém para a eficácia de uma sanção por reciprocidade seja efetivada, a criança ou o jovem tem que valorizar a convivência e os vínculos sociais para que possa desejar restaurá-los. Tognetta *et al.* (20010, p22), reforça ainda que:

Quando um adulto aplica uma sanção por reciprocidade, não é a obediência que ele esperava alcançar, mas sim uma atitude de cooperação entre ele e o sujeito. Assim sendo, seu objetivo, ao invés de punir, passa a ser o de educar, restaurar e favorecer, por meio de um ambiente cooperativo, a construção de instrumentos essenciais que este sujeito precisa para a conquista de sua autonomia moral e intelectual.

A conquista de uma autonomia moral e intelectual não se obtém apenas na vida em sociedade ou no berço familiar, ela também deve ser praticada no ambiente escolar.

### **Considerações em construção**

O fenômeno da violência na escola consiste em uma problemática social, que preocupa muito profissionais da educação, famílias e até mesmo a segurança pública. A pesquisa demonstrou que a violência se manifesta no ambiente escola assumindo diversos delineamentos e inexistente um conceito único a fim de caracteriza o fenômeno da violência na escola. As soluções apresentadas delineiam um campo formativo que considera a educação moral como ferramenta para obtenção de sujeitos autônomos e capazes de respeitar a exigências morais.

Finalizamos este texto corroborando com o questionamento exposto por La Taile e reforçado por Tognetta *et al.*, (2010) quando questiona como homens heterônomos podem educar crianças



para se tornarem autônomas e como educadores presos em suas práticas cotidianas pode favorecer para que as crianças vislumbrem um mundo diferentes, pois, formar homens iguais ao que já existem (heterônomos) é uma tarefa simples, difícil que ter compromisso em formar homens “superiores” e autônomos.

Acreditamos que uma escola sem violência seria uma escola com profissionais autônomos e com formação moral sólida a fim de serem capazes de formar cidadãos autônomos e morais. Devemos pensar a escola como um espaço formativo, reflexivo e de ação, onde crianças e todo o corpo escolar vivenciam experiências formativas ou destrutivas, sejamos desejosos e praticantes de ações engrandecedoras, para que possamos afetar nossas crianças e contribuir para a formação de sujeitos críticos.

### Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, M; RUA, M.G.. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002. 400p.

DEBARBIEUX, Éric. *Violência na Escola: um desafio mundial?*. Tradução: Teresa Katzenstein. INSTITUTO PIAGET, Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa, 2006.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino *et all. Um panorama geral da violência na escola ... e o que se faz para combatê-la*: Volume 1. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. – (Série Desconstruindo a Violência na Escola: os meus, os seus e os nossos bagunceiros)

SILVA, Nelson Pedro. *Ética, Indisciplina & Violência nas Escolas*. 6.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.